

 <https://doi.org/10.23845/kgv.v14i3.99>

Leitura: inferências na obra de Fernando Sabino [Reading: inferences in the work of Fernando Sabino]

Ricardo Santos David

Pós - Doutorado em Educação pela IESLA - EUA. Doutor em Educação: Formação de Professores e Novas Tecnologias. Especialista em Docência do ensino superior. Revisor de textos de língua portuguesa, corretor de redação e analista de comunicação.
E-mail: ricardosdavid@hotmail.com

Resumo

Análise de inferências em textos com o objetivo de demonstrar que todo sentido, mesmo o literal, inclui informações implícitas em diferentes graus de explicitude. O ato de compreensão desses enunciados envolve vários processos inferenciais, o que significa dizer que o leitor crítico deve estar atento não só às questões de ordem lógica como também às questões discursivas e ou retórico-argumentativas que ocorrem nos diversos gêneros de textos e que são fundamentais para a construção do sentido de um texto.

Palavras-chave

Inferência. Operações implícitas. Interpretação de texto.

Abstract

Analysis of inferences in texts, with the objective of demonstrating that the sense, even the literal one, is implicit in the discourse in different degrees. The comprehension of these texts indicates inferencial operations, what it means that the reader must attend to the logical questions and to the discursive or argumentative ones in different kinds of texts and that they are important to the construction of the sense of a text.

Keywords

Inferences. Implicit operations. Text interpretation.



INTRODUÇÃO

Conceito de Inferência

Em 1939, Hayakawa propunha a seguinte definição de inferência: “uma asserção sobre o desconhecido, feita na base do conhecimento”. McLeod (1977:6) avança e especifica a noção de Hayakawa, descrevendo inferência como “uma informação cognitivamente gerada com base em informações explícitas, linguísticas ou não linguísticas, desde que em um contexto de discurso escrito contínuo, e que não tenha sido previamente estabelecido”.

Bridge (1977:11) define inferência “como uma informação semântica não explicitamente estabelecida no texto, mas gerada pelo leitor durante o processo inferencial de especificação de proposições”.

Frederiksen (1977:7) combina muitos dos elementos de cada uma dessas definições. Para ele,

Inferência ocorre sempre que uma pessoa opera uma informação semântica, isto é, conceitos, estruturas proposicionais ou componentes de proposições, para gerar uma nova informação semântica, isto é, novos conceitos de estrutura proposicionais. Qualquer conhecimento semântico que é gerado desse modo é inferido.

Em todos esses conceitos, pode-se observar um ponto em comum: as inferências ocorrem na mente do leitor. Como afirma Flood (1981:55): “o texto existe, o leitor infere”.

Uma primeira constatação é a que a inferência não está no texto. É uma operação que os leitores desenvolvem enquanto estão lendo o texto ou após terem completado a sua leitura. O texto serve como um estímulo para geração de inferências.

Para ilustrar, Rickheit, Shnotz & Strohner (1985) apresentam a seguinte fórmula:

$$\text{Inferência} = \text{A} \longrightarrow \text{B}$$

C

em que A é a informação antiga, B é a informação nova, C o contexto e a seta é o processo de geração de inferência. O processo é distribuído em três partes:

- (1) a representação psicológica das informações A e B;
- (2) a operação de inferência de B extraída de A;
- (3) a noção de contexto C e seu efeito sobre a inferência.



A inferência anterior (A) apresenta um conteúdo semântico já conhecido ou que está sendo conhecido pelo leitor, enquanto a informação nova (B) é extraída a partir de (A) e, sob a influência de um contexto (C). Dessa forma, A e B são representações psicológicas individuais, mas mantêm relações passíveis de identificação.

Morrow (1990) entende inferência como o modo pelo qual os leitores, para compreender uma narrativa, ativam e usam informações nela implícitas e não-mencionadas. Mckoon e Ratcliff (1992) definem inferência como qualquer informação não explícita em um texto.

Dada a abrangência dessas definições, optou-se pela elaboração de um conceito que sintetiza aspectos relevantes apontados pelos teóricos e necessários para que sua manifestação seja identificada. O conceito de inferência aqui concebido é: “Inferência é um processo cognitivo que gera uma informação semântica nova, a partir de uma informação semântica anterior, em um determinado contexto”.

Inferência é, pois, uma operação mental em que o leitor constrói novas proposições a partir de outras já dadas. Não ocorre apenas quando o leitor estabelece elos lexicais, organiza redes conceituais no interior do texto, mas também quando o leitor busca extratexto, informações e conhecimentos adquiridos pela experiência de vida, com os quais preenche os “vazios” textuais. O leitor traz para o texto um universo individual que interfere na sua leitura, uma vez que extrai inferências determinadas por contextos psicológico, social, cultural, situacional, dentre outros.

Várias perguntas podem ser levantadas a respeito do processo de inferir: como as inferências são geradas? Qual a atuação da memória durante o processo de inferir? Como as inferências são mentalmente representadas? Quando uma inferência é produzida? Quais os tipos de inferências existentes? Que influências contextuais agem sobre o processo? Em que grau as inferências dependem do contexto?

A geração de Inferências

Uma infinidade de pesquisas sobre a geração de inferências tem-se desenvolvido sob as perspectivas da Psicologia, da Semântica, da Inteligência Artificial, da Linguística e da Cognição.

No campo da Psicologia Desenvolvimentista, tem-se focalizado as relações entre a inferência e os aspectos temporais, espaciais, causais e lógicos. No campo da Semântica,



o estudo da geração de inferências tem sido um assunto central. Jackendoff (1975:29), por exemplo, propôs um sistema constituído de princípios organizacionais disponíveis ao usuário da língua, relacionados à sua habilidade de abstração “ ao compreender novos modos de interpretação e ao compreender novos modos de interpretação e ao ser capaz de generalizar regras de inferência a um sistema de relações”. Há estudos sobre inferência dentro dos limites da sentença (Clark,1975) e sobre inferência conversacional em uma Teoria da Estrutura do Ato da Fala (Grice,1971).

Pesquisadores da Inteligência Artificial preocupam-se em construir modelos de processos envolvidos na compreensão, conectados ao discurso e à geração de Inferências. Schank & Abelson (1975), por exemplo, criaram a possibilidade de reconhecimento inferencial através de perguntas e respostas. Teóricos da Inteligência Artificial sustentam que a geração de inferências é um fenômeno que ocorre simultânea e sequencialmente durante o processo inferencial dos textos. Vários modelos de processo inferencial têm sido por eles testados.

Linguistas cognitivos tomam uma de duas posições quanto à compreensão de sentenças e o processo de inferência: ou sugerem que o ouvinte extrai da estrutura profunda relações do *input* da sentença, que se armazenam na memória por meio de traços binários, ou sugerem que o ouvinte constrói ativamente uma representação interna para as sentenças. Os que tomam a primeira posição são chamados de Teóricos da Linguística Objeto; os que adotam a segunda postura são chamados Teóricos da Assimilação.

Entre os primeiros estudiosos que desenvolveram pesquisas sobre a geração de inferências destacam-se Bartlett (1932), Kintsch (1974) e Bridge (1977), Bartlett explicou a inferência do discurso em uma Teoria Construtiva de Esquema. Recentemente, noções similares expressam que esquemas operam nos níveis da palavra/conceito, da proposição, do trecho textual, e que os leitores constroem significado a partir do texto.

Análise Inferencial

Partindo-se da hipótese de que o contexto sociocultural do indivíduo atua como um fator condicionante da variedade de interpretações de texto, foi aplicado o teste “pausa protocolada previamente marcada no texto”. Submeteram-se ao teste alunos representativos da classe A e B.



O texto “Piscina”, de Fernando Sabino, foi dividido em dez pausas. Após cada pausa, os alunos responderam, oralmente ou por escrito, às perguntas feitas pelo pesquisador.

A cada intervalo de texto, segue-se um conjunto de perguntas. Recapitulando, os três tipos de perguntas são: as objetivas, as inferenciais e as avaliativas. A entrevista foi apenas parcialmente estruturada, pois, à medida que o aluno inferia, perguntas não previstas eram elaboradas. Uma resposta inferencial, muitas vezes, exige uma nova pergunta além das previamente estabelecidas. Por isso, a série de perguntas sobre o texto serviu apenas de roteiro ao pesquisador.

Veja-se a seguir a estrutura do teste aplicado.

TESTE

1º parte:

O título: “Piscina”

Pergunta objetiva:

- O que é uma piscina?

Perguntas inferenciais:

- Você já nadou em uma piscina? Onde?

- Você é sócio de algum clube? Você tem piscina em sua casa?

- Onde você já viu uma piscina?

- Sobre o que o texto vai falar? Invente uma possível história para esse título.

Pergunta avaliativa:

- Você gosta de nadar?

2º Parte:

O autor apresenta as circunstâncias:

“Era uma esplêndida residência, na Lagoa Rodrigo de Freitas, cercada de jardins e tendo ao lado uma bela piscina”.

Perguntas objetivas:

- Onde se situava a residência?

- Como era a residência?

- E o que havia do lado de fora da residência?

Perguntas inferenciais:



- Onde fica a Lagoa Rodrigo de Freitas?
- Como você imagina que seja a região onde está a residência?
- Como é uma esplêndida residência? Como são as pessoas que nela moram?
- Como é vizinhança?
- Invente uma continuação para história.

3º Parte:

“Pena que a favela, com seus barracos grotescos se alastrando pela encosta do morro, comprometesse tanto a paisagem”.

Perguntas objetivas:

- O que havia perto da residência?
- O que, na opinião do autor, comprometia a paisagem?

Perguntas inferenciais:

- Como são “barracos grotescos”? Por que eles “se alastravam” pela encosta do morro?
- Por que é “pena” existir uma favela por perto?
- Descreva a favela. Como você acha que devem ser as pessoas que moram na favela?

Perguntas avaliativas:

- Você concorda que uma favela compromete a paisagem? Por quê?

4º Parte:

Exposição de circunstâncias

Diariamente desfilavam diante do portão aquelas mulheres silenciosas e magras, lata d’água na cabeça. De vez em quando surgia sobre a grade a carinha de uma criança, olhos grandes e atentos, espionando o jardim. Outras vezes eram as próprias mulheres que se detinham e ficavam olhando.

Perguntas objetivas:

- O que acontecia todos os dias?
- Quem são “aquelas mulheres”? Como elas eram? O que tinham sobre a cabeça?
- Quem dava uma espiada no jardim? Quem se detinha e ficava olhando/

Perguntas inferenciais:

- Por que as mulheres e as crianças ficavam olhando em direção à casa?
- O que elas pensavam?
- Crie uma continuação para história.



5º Parte:

“Naquela manhã de sábado ele tomava seu gim tônico no terraço, e a mulher um banho de sol, estirada de maiô à beira da piscina, quando perceberam que alguém os observava pelo portão entreaberto”.

Pergunta objetiva:

- O que aconteceu naquela manhã de sábado?

Perguntas inferenciais:

- Naquela manhã de sábado quem tomava gim tônico no terraço?
- Quem era ele?
- Como estava a mulher?
- Quem os observava pelo portão entreaberto? Quem você acha que era? O que queria?

Para que estava ali?

6º Parte:

Complicação = conflito entre a protagonista e a antagonista.

“Era um ser encardido, cujos molambos em forma de saia não bastavam para defini-la como mulher. Segurava uma lata na mão, e estava parada, à espreita, silenciosa como um bicho. Por um instante as duas mulheres se olharam separadas pela piscina”.

Perguntas objetivas:

- Quem os observava pelo portão?
- Como ela estava vestida?
- O que ela parecia?

Perguntas inferenciais:

- As duas mulheres se olharam separadas pela piscina. Evidencie as diferenças entre a dona da casa e a mulher da favela quanto:
 - à habitação
 - ao vestuário
 - à postura física
 - à ocupação na manhã de sábado
- O que vai acontecer agora?

7º Parte:



Início do clímax

“De súbito pareceu à dona da casa que a estranha criatura se esgueirava, portão adentro, sem tirar os olhos dela. Ergueu-se um pouco, apoiando-se no cotovelo, e viu com terror que ela se aproximava lentamente”:

Perguntas objetivas:

- A quem o autor chama de “estranha criatura”?
- O que a mulher da favela fez?
- Qual a reação da dona de casa?

Perguntas inferenciais:

- Por que a mulher dona da casa sentiu terror com a aproximação da outra mulher?
- O que a dona da casa pensou?
- Para que a mulher da favela entrou na residência? O que de fato ela queria entrando pelo portão?

8º Parte:

Ponto de maior tensão na narrativa

“já transpusera o gramado, atingia a piscina, agachava-se junto à borda de azulejos, sempre a olhá-la, em desafio, e agora colhia água com lata. Depois, sem uma palavra, iniciou uma cautelosa retirada, meio de lado, equilibrando a lata na cabeça e em pouco sumia-se pelo portão”.

Perguntas objetivas:

- Para que a mulher da favela entrou na residência?
- Como ela saiu da residência?

Perguntas inferenciais:

- Por que a mulher da favela decidiu encher a lata na piscina, em vez de buscar água no local de costume?
- De que forma a invasora colheu a água da piscina?

“Sempre a olhá-la em desafio”.

- Por que o olhar em desafio?
- Desafiar significa propor combate. Qual era o combate? O que se pretendia defender? Qual é o objeto do combate?

- O que vai acontecer agora? O que os donos da casa vão fazer?

Pergunta avaliativa:



- Você acha que a mulher da favela fez bem ou mal ao tirar água da piscina? Por quê?

9º Parte:

Início do desfecho

“Lá no terraço o marido, fascinado, assistiu a toda a cena. Não durou mais de um ou dois minutos, mas lhe pareceu sinistra como os instantes tensos de silêncio e de paz que antecedem um combate”

Perguntas objetivas:

- Quem assistiu à cena?
- Quanto tempo durou a cena?
- O que pareceu ao marido?

Perguntas inferenciais:

- Quem eram os combatentes?
- Qual era o objeto do combate?
- Que combate era esse?
- O que significa *fascinado* neste contexto?
- O que vai acontecer agora?

10º Parte:

Desfecho e solução do conflito

“Não teve dúvida: na semana seguinte vendeu a casa”.

Pergunta objetiva:

- O que o dono da casa fez?

Perguntas inferenciais:

- Por que o dono vendeu a casa? Qual foi a causa de o marido ter vendido a casa?
- Se você fosse o dono da casa e esse fato tivesse acontecido com você, você venderia a casa? Por quê?
- Qual seria sua reação?
- Que providências você tomaria?

Pergunta avaliativa:

- Você acha que ele fez bem ou mal? Justifique a sua resposta.



O texto “Piscina”, sem dúvida proporcionou um certo incômodo íntimo nos leitores. Os leitores, ao interpretá-lo, deixaram transparecer as suas posturas ideológicas determinadas pela classe social e que cada um pertencia a representava.

As perguntas objetivas, de conhecimento informado pelo texto, foram elaboradas com o objetivo de verificar a compreensão do leitor sobre aquilo que está no texto.

As perguntas inferenciais, baseadas nos conhecimentos experienciais, nas crenças, ideologias e axiologias individuais, foram formuladas visando-se a verificar as expectativas e as ideias do leitor referentes às ideias expressas no texto e ao conhecimento de mundo relacionado com a camada sociocultural em que o aluno está inserido.

As perguntas avaliativas envolvem julgamentos pessoais de informações fornecidas pelo texto. Através desse tipo de questão, verificaram-se as reações do leitor diante das ideias apresentadas, confrontando o seu ponto de vista como o ponto de vista exposto no texto, argumentando a favor de sua opinião e aprofundando a sua reflexão.

A partir das repostas obtidas, foram analisadas: as inferências que envolvem compreensão textual, as inferências que envolvem percepção afetiva e avaliação como consequência de julgamentos sociais.



REFERÊNCIAS

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Leitura: Inferências e contexto sociocultural*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

HAYAKAWA, S.J. A linguagem dos comunicados. In: HAYAKAWA, S.J. *A linguagem no pensamento e na ação*. São Paulo: Pioneira, 1963. Cap.3, p.29-42.

BRIDGE, C. *The text based inferences generated by children in processing writting discourse*. University of Arizona, 1977.

FREDERIKSEN, J.R Semantic processing units in understanding text. In: FREEDLE, O. (org). *Discourse production and comprehension*. Ablex: Northwood, 1977.

ANEXO A - Piscina

Fernando Sabino

Era uma esplêndida residência, na Lagoa Rodrigo de Freitas, cercada de jardins e tendo ao lado uma bela piscina. Pena que a favela, com seus barracos grotescos se alastrando pela encosta do morro, compromettesse tanto a paisagem.

Diariamente desfilavam diante do portão aquelas mulheres silenciosas e magras, lata d'água na cabeça. De vez em quando, surgia sobre a grade a carinha de uma criança, olhos grandes e atentos, espiando o jardim. Outras vezes eram as próprias mulheres que se detinham e ficavam olhando.

Naquela manhã de sábado, ele tomava seu gim-tônica no terraço, e a mulher um banho de sol, estirada de maiô à beira da piscina, quando perceberam que alguém os observava pelo portão entreaberto.

Era um ser encardido, cujos molambos em forma de saia não bastavam para defini-la como mulher. Segurava uma lata na mão, e estava parada, à espreita, silenciosa como um bicho. Por um instante as duas se olharam, separadas pela piscina.

De súbito, pareceu à dona da casa que a estranha criatura se esgueirava, portão adentro, sem tirar dela os olhos. Ergueu-se um pouco, apoiando-se no cotovelo, e viu com terror que ela se aproximava lentamente: já transpusera o gramado, atingia a piscina, agachava-se junto à borda de azulejos, sempre a olhá-la em desafio, e agora colhia água com a lata. Depois, sem uma palavra, iniciou uma cautelosa retirada, meio de lado, equilibrando a lata na cabeça – e em pouco tempo sumia-se pelo portão.

Lá no terraço, o marido, fascinado, assistiu a toda a cena. Não durou mais de um ou dois minutos, mas lhe pareceu sinistra como os instantes tensos de silêncio e de paz que antecedem um combate. Não teve dúvida: na semana seguinte vendeu a casa.

